

SC08. Representações na Imprensa

Edianne dos Santos Nobre

**AO SOM DO IÊ, IÊ, IÊ: COTIDIANO E COMPORTAMENTO DOS JOVENS NA
CIDADE DE CRATO NOS ANOS 1966- 1967**

Maria Daíse Felipe de Oliveira¹

RESUMO

Os anos de 1960 do século XX foram marcados por uma gama de diversos acontecimentos que vão desde transformações nos aspectos culturais à mudança política no País. Coetaneamente com esse acontecimento o movimento cultural artístico chamado de Jovem Guarda fazia sucesso e mudava padrões de moda e comportamento. Sua principal influência era o *rock and roll* britânico do final dos anos 50. Deter-me-ei a analisar a influência deste movimento no comportamento dos jovens como a moda, gírias, etc. A partir da Jovem Guarda, na cidade do Crato localizada no sul do Ceará. A principal fonte principal utilizada é o jornal Católico A Ação do ano de 1966-1967, por compreendê-lo como rico lugar de memória daquele período. Neste aspecto tentamos descortinar os aspectos do cotidiano da cidade de Crato as formas juvenis de comportamento e a produção de sentido produzido pelo jornal A Ação sobre esse grupo. As interações e formas de comportamento e relações sociais sob a influência da Jovem Guarda.

Palavras-chave: Jovem Guarda; Juventude; Comportamento.

INTRODUÇÃO

A década de 60 do século passado foi marcada por vários acontecimentos desde o campo político ao cultural. Foi durante o golpe militar que “surgiram” grupos musicais que aos poucos foram se constituindo movimento cultural influente, como: o Tropicalismo e a Jovem Guarda. Embora esses movimentos artísticos culturais iniciarem nos anos 60 seu estilo e proposta era divergente.

O Tropicalismo ficou conhecido por suas canções engajadas politicamente, militante, por seus artistas que utilizavam a música como um meio para reivindicar a situação vigente. O contrario desse movimento era a Jovem Guarda que foi inicialmente um programa da televisão brasileira apresentado por Roberto Carlos, Wanderléia e Erasmo Carlos no canal Record, durante os anos de 65 a 67, as apresentações eram ao vivo e recebiam outros artistas como convidados, suas músicas não retratavam as lutas políticas, os temas abordados eram sempre o do cotidiano como: amores, amizades e festas. A principal referência para a construção desse estilo era o *rock and roll* do final dos anos 50, do grupo inglês The Beatles.

¹ Graduada em História pela Universidade Regional Do Cariri – URCA e integrante do LABIMH, e-mail: maria-daise@hotmail.com.

Com todo o aparato midiático da época a forma de difusão do movimento Iê, iê, iê foi, divulgando assim entre os jovens um padrão de comportamento como: as roupas, cortes de cabelo e gírias.

Deter-me-ei analisar o movimento da Jovem Guarda na cidade de Crato, localizada no sul do Ceará, em especial os jovens e a sua aceitação ou não do movimento, padrões de comportamento e o discurso do jornal A Ação editado pela Arqu Diocese de Crato, sobre as formas de comportamento da juventude cratense.

Escolho como fonte o jornal porque é também um lugar de memória. “Ser um lugar de memória implica ser também lugar de escolhas e de procedimentos porque a memória não é espontânea. Nos jornais, as matérias noticiadas foram sobre assuntos e eventos selecionados, escolhidos por critérios de edição” (GOMES, 2007: 179) ao analisar a construção do discurso sobre o comportamento da juventude percebemos a opinião de quem o fala.

Assim, analiso os novos padrões de comportamento dos jovens e a inclusão de hábitos “distantes” de sua cultura e o discurso jornalístico sobre as atitudes destes grupos. Ao analisar os novos padrões de comportamento da juventude cratense é possível perceber também o cotidiano da cidade, as formas de socialização e várias interpretações e fabricações de sentido para o mesmo acontecimento.

Para problematizar as apropriações e representações juvenis desse período é necessário olharmos para outras formas de produção cultural que esses jovens tinham acesso na época. Nesse período, destaca-se principalmente o consumo da cultura americana, em suas produções cinematográficas.

“TELAS DA CIDADE”

Pelas películas era possível conhecer uma nova cultura, emocionar-se, sair da ordem preestabelecida – o escuro do cinema era o lugar do lúdico, da transgressão e da imaginação.

A ação de ir ao cinema significa um comportamento moderno predominante no cotidiano das cidades, especialmente, das pequenas no interior do Brasil. Está numa sala de cinema não era somente um fato pronto e acabado de ver uma produção cinematográfica, era um comportamento social, uma manifestação juvenil e com o passar dos anos suas relações e os padrões de convivência vão sendo modificados e/ou reproduzidos. “Ir ao cinema é prática codificada e datada. Não apenas traduz um hábito, mas revelam as formas de frequência e

distinção social, fruição estética, imaginações sobre a diversão e a cultura.” (SCHAVARZMAM, 2005:154).

Na década de 60, a cidade de Crato contava com três cinemas *Cine Cassino*, *Cine Educadora* e *Cine Moderno*. Dessa forma o cinema já fazia parte do cotidiano da cidade e era uma maneira de se diferenciar das demais cidades circunvizinhas atraindo jovens e curiosos para as sessões. Demonstrando assim a importância política, econômica e cultural de Crato no início do século XX.

No jornal *A Ação* estavam contidos os anúncios dos cinemas e os filmes em cartaz, nas colunas: *Cinema e/ou Telas da Cidade* com a programação semanal, a classificação indicativa, por vezes os horários de exibição, comentários sobre o filme e algumas curiosidades a respeito dos artistas. Vejamos um anúncio: “REIS DO IÊ, IÊ, IÊ – Para todos, Cine Moderno, dias 13, 14 e 15.” (Jornal *A Ação*, 12 e 13 de Novembro de 1966, p. 06).

Esse filme foi protagonizado pelos integrantes da banda de rock britânica The Beatles, neste período o programa brasileiro *Jovem Guarda* estava no seu segundo ano de exibição. As influências não ficavam apenas no tocante ao ritmo cabelos e roupas, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia protagonizaram um filme, como veremos na coluna *Telas da Cidade*:

Roberto Carlos, Wanderléia e Erasmo Carlos entraram para o cinema. Em abril eles começam a fazer seu primeiro filme, dirigido por Sérgio Person de “São Paulo S/A”. Roberto Carlos revela: será um filme meio maluco, na base de “Reis do Iê, iê, iê”, o filme estréia do “Beatles”, contando uma série de aventuras e será rodado na Capital Paulista, em preto e branco. Serão ouvidas algumas músicas de seus últimos “long-plays” e as mais novas, que serão divulgadas por estes dias. (Jornal *A Ação*, 17 de Abril de 1966, p. 02)

Embora a produção do filme da trupe brasileira não tenha acontecido, por motivos ainda não esclarecido. A influência do grupo inglês sobre o brasileiro não era apenas comportamental, ia até a forma de produção artístico-mercadológica a fim de aumentar o seu público. O anúncio de novas músicas faz com que os fãs fiquem mais ansiosos e procurem os dois produtos lançados por eles, gerando uma densa rede de produção e consumo que impulsionou a criação da grife Calhambeque, que vendiam jeans, bolsas, sapatos. Os acessórios para a juventude “torna-se” parte da *Jovem Guarda*.

“POUCA VOZ E MUITO BARULHO”

No jornal *A Ação* havia várias colunas sociais: *Cariri Social*, *Micro- Notícias* e *Shou da Cidade* era comum a utilização destas para anunciar eventos sociais diversos desde o tipo religioso ao social: casamentos, batizados, viagens e aniversários. Esses anúncios geralmente faziam referência às pessoas de uma camada social privilegiada da cidade:

“Em Recife no dia 25, o enlace matrimonial da senhorita Norma Bezerra de Brito e o jovem José Airton Martins. Ela é filha do casal José de Brito. Ele, do casal Elias Martins, ambos cratenses. Em outubro o casal visitará a Europa” (Jornal *A Ação*, 20 de novembro de 1966, p.07).

A nota a baixo é uma exceção, pois ela está na coluna “a cidade rindo e chorando”, essa coluna era geralmente um lugar de reivindicação e militância. Com notícias sobre o cenário político e clamores para a melhoria da cidade. Outro fato bastante interessante é o tamanho da nota, já que as outras eram apenas dois ou três parágrafos essa nota e composta por seis parágrafos. O que podemos entender que a sua indignação é proporcional e/ou maior que a sua escrita. Deixando clara a visão de quem o fala:

O Iê, iê, iê em terras do sul, caiu um pouco em produção. Estão fazendo uma completa limpeza nos clandestinos da música que, sem saberem música, subiram (objetivaram sucesso) na mentalidade míope da grande maioria da juventude brasileira, apenas com pouca voz, muito barulho e muitos termos de gírias como “ é brasa, mora!, “papo firme”, barra limpa, bídu e uma carrada de outros já conhecidos de todos.

Em nossa cidade, entretanto, parece que o movimento sulino não obteve repercussão.

Os jovens “avançados” (como se dizem eles) continuam na iminência de desviar a espinha dorsal, dançando requebradisticamente, trejeticamente, suspeitamente ao som do iê, iê, iê que é cantiga de grilo em todas as nossas emissoras de rádio, rádiolas conjuntos que animam festas violões e guitarras elétricas dos filhos de papai, quase sempre cabeludos para não fugir aos preceitos da “onda”.

Os nossos disc-jockeys, uma boa parte deles, Santa Maria Deus nos Acuda! Não possuindo nada na cabeça, além de uma massa cinzenta preguiçosa, também se entregam de corpo e alma à superficialidade da chama gírias da jovem guarda.

Abra-se o receptor e se escuta: blá blá,blá, blá blá blá... que é muito bidu, bem da pontinha da orelha”

Outros de instante a instante, durante o horário do seu programa, e até mesmo pelas ruas da cidade, não abusam de repetir o martelado “papo firme”, o já bastante gasto “barra limpa” etc, etc, etc. Um dia desses o cumprimento com que um discjockey saudou o seu amigo foi exatamente êsse: Você é um cara bidu, bem da pontinha da orelha” Vejam só! O costume de casa leva mesmo à praça. (Jornal *A Ação*,26 de agosto de 1967, p. 09).

Como o período em questão era governado pelos militares, o colunista utiliza o espaço do jornal para objetivar a sua visão sobre esse movimento que não era engajado politicamente, como era o caso dos artistas da MPB. Por isso “O jornalismo é cada vez mais fonte de memória social, e os jornalistas que produzem o noticiário (reportagens, artigos, anúncios, edições etc.) são eles próprios portadores desta memória.” (GOMES, 2007: 178) O discurso jornalístico não está imune às convicções e paixão de quem as fala, pois quem o tece está inserido em um tempo e espaço marcado por interesses e visão de mundo. Porém muitas vezes ele é visto de forma neutra, como se não estivesse levando em consideração suas questões subjetivas e mercadológicas.

Ao dizer que esse grupo de artistas tem pouca voz e muito barulho, está se referindo aos novos instrumentos utilizados: a guitarra elétrica, que não foi muito aceita por alguns grupos e pessoas por ser um instrumento de origem estrangeira. E pouca voz por não ter um clamor, uma música que fosse ícone contra a ditadura, que não faça uma reflexão sobre o que é ser um cidadão e agir como tal, portador de direitos e liberdade.

As características marcantes do movimento eram: a dança; o corte de cabelo; e as gírias, uma forma mais descontraída e coloquial de conversar.

Para o colunista da matéria publicada no jornal, era um fato inadmissível essas novas normas de comunicação utilizadas, pois não tinham o mesmo grau de sofisticação da norma culta, independente da condição social ou localidade geográfica, além de não dizer nada que na sua visão era relevante para o situação posta.

A Jovem Guarda proporciona uma revolução nos costumes, ao fazer com que homens e mulheres dançam ao mesmo ritmo, o movimento pélvico, de maneira solitária ou acompanhada. Essa nova forma de dançar gerava um desconforto em alguns por considerar os movimentos femininos.

O cigarro lhes propiciava uma atmosfera de perigo, mistério e até mesmo uma forma de conquistas amorosas. Todas essas normas de comportamento forjada no seio do consumo artístico-cultural e mercadológico lhes atribuíram o título de transviados, juventude que saiu dos trilhos as normas preestabelecidas de ser um jovem bom e ordeiro.

Ao se comunicarem dessa forma eles se uniam em um grupo que se diferencia dos demais pelo seu modo de agir em frente à cultura erudita e evidenciavam a diferença entre essas culturas ao falar.

Este opera no campo de um sistema linguístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e um lugar; estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares de relações. (CERTEAU, 1994:40)

O que faz com que com o passar do tempo novas gírias sejam proferidas, pois elas são ligadas ao tempo, espaço e sociedade. As novas formas de comportamento e acontecimentos fazem com que elas estejam em constante mutação.

Para alguns a “superficialidade” dos tão reproduzidos bordões não estava em consonância com os gritos pela liberdade que eram obrigados a calar-se. Denunciava uma juventude que era apática, que apenas estava interessada em estar na moda e reproduzir um padrão de vida muitas vezes almejado por eles. Sem se importar com as condições sociopolíticas da época.

Dessa forma a imprensa é difusora e disseminadora “na constituição da subjetividade e na produção das evidências dos sentidos”, (MARIANI, 2007: 213) “Toda e qualquer construção de sentidos depende de outros sentidos já fixados na memória por efeito de regularizações anteriores.” (FERREIRA, 2007: 60) O receptor também tem sua forma de ver e agir, pois ele está inserido na mesma sociedade, o que faz com que ele entenda a mensagem emitida.

Os meios de comunicação não são os únicos, mas são os principais atores da realização do trabalho de enquadramento dos acontecimentos do presente e também do passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da memória sobre acontecimentos e as interpretações que se quer salvar guardar (RIBEIRO, 2007: 222).

Os jornais e a imprensa em geral também constroem uma versão do fato, o que para os jovens seria apenas um divertimento e algo comum, para outras pessoas da mesma sociedade é visto como um comportamento subversivo. E com isso algumas pessoas ao recordar dos anos 60 do século XX, lembra como os anos em que a juventude não tinha futuro e estava abandonada. Já que a época exigia uma norma de conduta homogenia.

Mas o trecho que chama bastante atenção é uma paragrafo que está no meio da nota com a seguinte expressão “Em nossa cidade, entretanto, parece que o movimento sulino não obteve repercussão.” (*Jornal A Ação, 26 de agosto de 1967, p. 09*).

Ou seja, coloca os jovens da cidade de Crato como pessoas engajadas politicamente, que sabem o seu local de atuação e que estão à frente das causas e acontecimentos do País, que não seguem ou fazem parte de um movimento que é “cantiga de grilo”.

É importante para entender a fala do colunista o contexto espacial que ele está inserido. Na segunda metade da década de 60, Crato foi eleita por duas vezes a *Cidade Modelo* do estado. Conotando assim a sua importância econômica, política, organização do espaço público e atendimento a população. E neste mesmo período a cidade de Crato ficou conhecida como a *cidade da cultura*, título que permanece, segundo Cortez era uma forma de se afirmar no cenário em detrimento de Juazeiro, que era a cidade do fanatismo.

Embora o colunista afirme que o movimento de “cantiga de grilo” não tenha conquistado espaço no cenário urbano juvenil cratense, em outras notas na coluna *Cariri Social* é possível identificar o contrário:

Na residência do sr. Wilson de Souza, foi comemorado no último dia 18, o aniversário de sua filha Margaret Martins de Souza. Na ocasião foi servido aos presentes um animado coquetel, além de uma festinha dançante na base do Iê, iê, iê (Jornal *A Ação*, 25 fevereiro de 1967, p. 04).

Com isso é possível afirmar que o movimento da Jovem Guarda teve público e aceitação na cidade de Crato, visto que no ano de 1967 a cidade esteve na rota das bandas que formavam a Jovem Guarda:

EM DEZEMBRO — Na quadra Bi-centenário José Roberto fez sua apresentação. Na quadra em construção da rádio educadora do cariri houve “show” com Renato e seus Blue Caps. No Crato Tênis Clube houve uma festa com “The Clivers” (Jornal *A Ação*, 6 de Janeiro de 1968, p. 02).

O espaço onde normalmente esses jovens se divertiam ao som do Iê, iê, iê eram as tertúlias, festas organizadas em clubes ou em casas de amigos. Esses encontros eram acontecimento social de relevância na vida dos jovens, pois era nessas tertúlias onde aconteciam os flertes, o primeiro amor, o primeiro beijo. Que por muitas vezes foram embalados pelas canções da Jovem Guarda.

A nota a seguir faz referência aos novos padrões estéticos da moda feminina:

Na última tertúlia da AABB foi promovido um desfile de penteados, pelas alunas da quarta série do ginásio Ana Couto. Participaram do desfile as elegantes senhoritas: Lastênia Araújo, Eneida Saldanha (colunista), Tereza Lisieux, Ana Benvida e Tereza Mota (Jornal *A Ação*, 24 de setembro de 1966, p. 07).

Neste espaço eram reproduzidos os novos costumes que estavam sendo difundidos por Roberto Carlos, Wanderléia e Erasmo Carlos no programa de televisão, nas capas de revistas e principalmente nas rádios como: gírias, roupas e cortes de cabelos. Mas não apenas

de forma ingênua em seu cotidiano “deslocando a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos.” (GIARD, 1994:13). Assim ao ter contato pelas revistas e cartazes eles utilizam aquela forma de padrão de comportamento de outra forma fazendo um evento com suas peculiaridades. Dessa forma, eles produzem um novo produto.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde a *outra* produção, qualificada de “consumo”: está é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar como produtos próprios mas nas suas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1994:39).

Com o jornal é possível identificar e ter conhecimento dos usos dos produtos fabricados pela Jovem Guarda no comportamento e cotidiano dos jovens. Enquanto as atitudes e os usos dos cabelos das senhoritas eram visto com entusiasmo, o dos homens não agradava.

Várzea Alegre: cabeludos não assistem aulas Estamos informados de que a direção do Ginásio são Raimundo de V. Alegre ameaçou de suspensão os alunos que frequentam aquela escola usando cabelo tipo Roberto Carlos. Não obstante os protestos da jovem guarda vazealegrense, a direção do referido educandário não está atendendo às justificativas da classe estudantil. (Jornal **A Ação**, 06 de novembro de 1966, p. 06)

A cidade de Várzea Alegre está distante cerca de 110 km de Crato, o que fica claro a influência e importância dessa cidade na época, nas suas proximidades geográficas. Os jovens dessa cidade assim, como Crato tinham caído nas graças dos fios grandes e desganhado de Roberto Carlos. Já quem não via a cabeleira como bons olhos eram as instituições e populares, geralmente mais conservadores e maduros. Para eles este comportamento era impróprio para rapazes, pois quem usava cabelos cumpridos eram as moças.

Juventude Cratense sem Orientação

Estamos vivendo numa época em que a juventude mais do que nunca precisa de uma orientação segura para os seus problemas. O que se vê atualmente é uma mocidade inconformada com o sistema de vida que leva, Futebol, vida alheia, futilidades, cachaça e maconha são as diversões de parte da estudiantada cratense. Não resta dúvida que existe uma boa parcela dedicada ao estudo e ao trabalho. Os educadores cratenses, e mesmo os próprios pais devem fazer um trabalho mais positivo a fim de levar o jovem a tomar conhecimento de seu dever perante a nação e a sociedade que tem a mocidade sua própria subsistência (Jornal **A Ação**, 12 e 13 de novembro de 1966, p.06).

Os cabelos cumpridos quase sempre eram uma comprovação de outras atitudes estigmatizadas dos jovens como: a utilização “de uma massa cinzenta preguiçosa”. Assim os jovens não estavam correspondendo aos papéis sociais esperado e aceitos naquela sociedade. Estes estavam em um percurso divergente da Igreja, que tinha interesses em manter os jovens nos trilhos do caminho da salvação, os orientando nos preceitos de Deus. Essa forma de comportamento não era bem vista pela Igreja que utilizava a o jornal como voz, um meio de alertar a população, pais e instituições de ensino para o controle as atitudes juvenis destoantes do ideal apregoado pelos mandamentos católicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso jornalístico sobre os jovens que aderiam as gírias, roupas e cabelos desganhados da Jovem Guarda é controverso. Para uns ele simplesmente não tem público na cidade, não existiu; para outros é um comportamento que deve ser contornado por medidas cabíveis tomadas pela população e instituições; há ainda quem não veja esse movimento como cultural ou artístico.

Assim vão sendo construídos vários discursos divergentes nas páginas do jornal *Ação* sobre o mesmo assunto: a juventude e a Jovem Guarda.

Apesar de o comportamento disseminado pelo *Iê, iê, iê* não ser aceito por todos, tinha caráter apenas de estética e não de um ideário revolucionário e militante que ia contra o cenário político brasileiro. Por isso tenha causado certo desconforto em alguns por posições políticas e em outros por não corresponder ao caráter ordeiro e civilizado.

A partir destes novos comportamentos introduzidos pela imprensa, vão sendo construídos o sentimento de identidade e de pertença dos jovens da cidade de Crato. Que cada vez mais, estavam a par do que a acontecia nos grandes polos produtores de moda e se tornava um cidadão global ao trazer para o seu cotidiano os costumes de outras sociedades separadas geograficamente da sua.

O inegável é que esse movimento teve repercussão entre os jovens de Crato, e estes estavam localizados em um limbo, por não ser politicamente ativos e por ter comportamentos que iam contra a ideia de ordem, civilidade e homogeneidade do padrão de comportamento esperado.

FONTES

Jornal *A Ação* dos anos de 1966 e 1967 que estão disponíveis no Centro de Documentação do Cariri - CEDOC, Universidade Regional da Cariri.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 33-53.

FERREIRA, Lucia M. A. Uma memória de normatização da conduta feminina na empresa *in*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

GIARD, Luce. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P.9- 32.

GOMES, Nilo Sérgio. Em busca da notícia: memórias do Jornal Do Brasil de 1901 In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MARIANI, Bethania. Imprensa, produção de sentidos e ética *in*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e Brasiliense, Danielle Ramos. Memória e narrativa jornalística *in*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**, Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SCHAVARZMAM, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 25, n.49., 2005, p.153-174.